

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

Prefeitura faz alfabetização 'libertadora'

ANA ESTELA DE SOUSA PINTO

Da Reportagem Local

A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo implantou este ano um projeto inédito: um convênio com movimentos populares que recebem verbas da Prefeitura e alfabetizam adultos. O projeto, chamado de Mova (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos de São Paulo), começou a funcionar em janeiro e tem hoje entre 15 mil e 17 mil estudantes. A meta é chegar a 60 mil educandos até o fim do ano — São Paulo tem hoje cerca de 1,2 milhão de analfabetos. A secretaria destinou ao projeto quase US\$ 10 milhões (Cr\$ 557 milhões, pelo câmbio livre), incluídos no orçamento de 90 — escolhido pela Unesco como Ano Internacional da Alfabetização.

“Não somos meros repassadores de recursos”, diz o coordenador-geral do Mova e assessor especial do secretário Paulo Freire, Moacir Gadotti, 48. Para receber a verba mensal de Cr\$ 19.642,25 (em junho) por sala de aula, a entidade precisa indicar alfabetizadores que vão participar de um curso de 30 horas dado pela secretaria. Depois disso, monitores e supervisores dos movimentos populares continuam se reunindo com a equipe central do Mova, que dá orientação pedagógica e discute os problemas encontrados na alfabetização.

A questão mais polêmica do novo projeto é política: segundo os boletins do Mova, a entidade candidata a convênio deve “desenvolver trabalhos dentro da concepção político-pedagógica libertadora”. A coordenadora Ma-

Juma aprende com sílabas

Da Reportagem Local

Na novela “Pantanal”, da rede Manchete, o personagem Jove alfabetizou sua namorada, Juma Maruá. Seguindo um método parecido com o de Paulo Freire, ela usou sílabas que aprendeu com os dois nomes para escrever as frases “Juma ama Jove. Se Jove vai, Juma morre”.

O coordenador-geral Moacir Gadotti acha que esse é um exemplo de como os meios de comunicação poderiam ajudar o Mova, divulgando a alfabetização a um público maior.

Ele diz que saber ler e escrever “liberta” o homem.

A menção a uma proposta político-libertadora soa “ideologizada” para a deputada estadual Guiomar de Mello (PSDB-SP), 47, ex-secretária da Educação. Ela acha que deveriam ser usados critérios como competência para avaliar as entidades. “O processo de alfabetização facilita a tomada de consciência, mas não pode ser usado como pretexto para conscientizar.” Ela teme que o Mova seja usado como “aparelho político-partidário”.

Gadotti afirma estar “preocupado” com uma possível associação do Mova a um “aparelho” da Prefeitura petista. Ele afirma que as eleições deste ano devem



Manuel Pereira, 68, monta co

Luiz Paulo Lima - 1 Jun. 90

Experiência do Mobral foi um fracasso

Da Reportagem Local

Antes da criação do Mova, as entidades de São Paulo que alfabetizavam adultos recebiam verbas da Fundação Educar, hoje extinta. A Educar atuava em todo o país e surgiu em 85 para substituir o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização).

O Mobral atuou de 1970 a 80. Em 70, havia 18,146 milhões de adultos analfabetos. Em 79, o órgão afirmou que a taxa de analfabetos tinha caído a 11%, mas o censo de 1980 revelou que ela era de 20%. O número de adultos analfabetos tinha aumentado para 18,3 milhões.

A repercussão do fracasso do Mobral determinou sua extinção, e a maior crítica feita ao programa foi a forma de pagamento dos professores: eles recebiam de acordo com o número de matriculados por classe, o que resultava na diplomação rápida de pessoas que só sabiam assinar o nome.

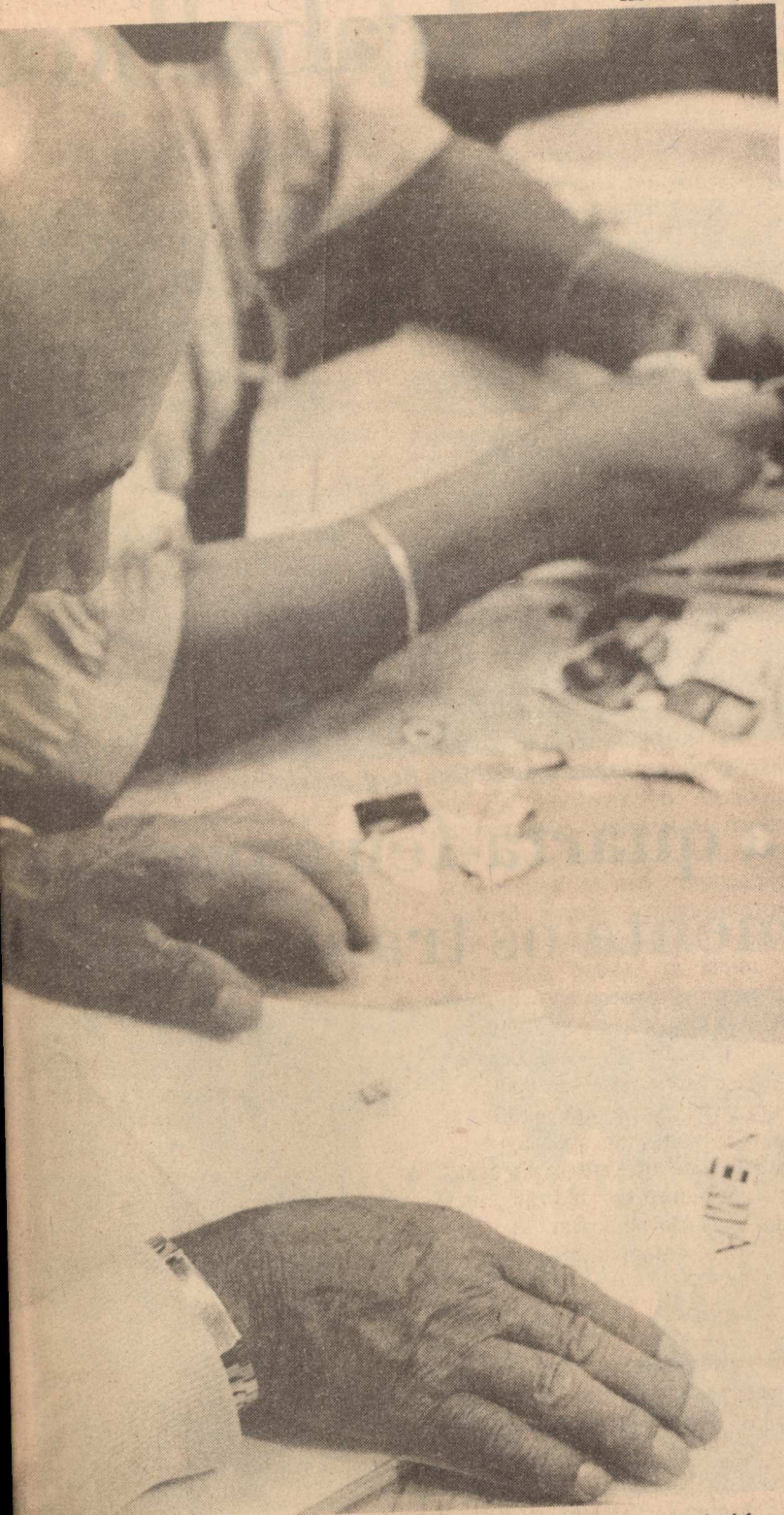
Quando a Educar foi criada, o país tinha 17,284 milhões de adultos analfabetos. A fundação, extinta pelo governo Collor, adotava oficialmente o método Paulo Freire.

Na opinião do pedagogo Sérgio Haddad, a Educar só usou o "esqueleto" do método, mas atuou de forma contrária às idéias de Freire. Como exemplo de prática errada, Haddad cita uma cartilha usada em Manaus. Feita no Rio, ela trazia a palavra "foguete", com o desenho de uma nave espacial. "Mas foguete, em Manaus, é rojão", diz. (AESP)

Extinção da Educar prejudica empresas

Da Reportagem Local

Com a extinção da Fundação Educar (leia texto acima), 40



As letras recortadas de revistas a palavra 'cinema', durante aula do Mova

Editorial de Arte

ANALFABETISMO NO BRASIL

de analfabetos entre os que têm mais de 15 anos)

ma me mi mu nu

ria Alice de Paula Santos 34

la le li lo lu
ga ge gi go gu

empresas de São Paulo não podem dar certificados de alfabetização a seus empregados, segundo Sueli Zveibl, 33, da construtora Amafi. Segundo ela, há quase mil trabalhadores que estudavam nas próprias empresas com material e apoio técnico da Educare.

“Os projetos do Mova não se encaixam no que nós queremos”, diz Sveibl. Ela quer que a delegacia do MEC em São Paulo forneça os certificados. O delegado regional do MEC, Nelson Boni, disse que o ministério deve lançar em julho um programa de alfabetização, que inclui os convênios firmados com a Educare. (AESP)

23,1
1982

21,0
1985

18,7
1988

17
1989

Secretaria não usa método Paulo Freire

Da Reportagem Local

A Secretaria Municipal de Educação não adota no Mova o método desenvolvido por seu próprio titular, Paulo Freire. Segundo a coordenadora da equipe central do Mova, Maria Stella Santos Graciani, 42, são usadas algumas idéias de Freire, atualizadas por conceitos de Emíliaerreiro e outros educadores.

O secretário de Educação colocou em prática suas teorias sobre alfabetização de adultos em Anicos (RN), em 1961. O trabalho realizado com um grupo de jovens e adultos sertanejos resultou o que se convencionou chamar de método Paulo Freire.

Os alfabetizadores faziam primeiro uma pesquisa para desco-

brir quais as palavras mais significativas da região e o que representavam para os moradores. Depois, apresentavam para o grupo uma série de desenhos que eram discutidos em classe. Terminada a rodada de discussões, passavam às palavras.

No começo, a palavra era associada a um desenho —em Goiás, usou-se a palavra Benedito e a figura de um homem. Quando os estudantes se familiarizavam com a ligação entre a palavra escrita e o que ela representava, o desenho era tirado. A palavra era dividida em sílabas e cada uma dava origem a “famílias”. A primeira sílaba, por exemplo, originava a “família” ba-be-bi-bo-bu.

Em outra fase, os alunos eram incentivados a unir sílabas diferentes e formar palavras e, de-

pois, frases, como “Benedito lida o dia todo”. O trabalho era auxiliado por fichas e cartazes e os educadores promoviam discussões para tornar claro aos alunos os “determinantes sociais” de suas condições de vida. Nas primeiras experiências de Paulo Freire, a alfabetização era obtida em 40 horas.

Além de incorporar idéias de outros educadores, a secretaria da Educação diz estar preocupada com a pós-alfabetização dos que estão passando pelas salas do Mova este ano. A previsão inicial é de que a alfabetização dessas turmas demore seis meses. Depois, eles serão encaminhados ao EDA, curso supletivo da Prefeitura que compreende da 1ª à 4ª série do 1º grau, ou a núcleos de estudo não-regulares que serão formados em agosto. (AESP)

ria Alice de Paula Santos, 34, diz, por exemplo, que o método pedagógico desenvolvido por Paulo Freire é base dessa “concepção libertadora” e que os alunos precisam ser conscientizados de sua condição social. “Se não houver engajamento, militância política, vira uma alfabetização como outra qualquer.”

Já Gadotti diz que o Mova não faz triagem ideológica nem obriga os movimentos a seguirem uma metodologia. Segundo ele, só não são aceitas entidades “anticientíficas, que queiram ensinar a partir das letras do alfabeto”.

que as crianças deste ano devam ser discutidas nas salas de aula, mas que a secretaria vai ficar “atenta para que não haja propaganda partidária”. “Uma coisa é formar consciência, outra é doutrinar”, afirma.

De qualquer forma, a mobilização dos integrantes do Mova deve ser uma das causas de seu sucesso, segundo o secretário-geral do Centro Ecumênico de Documentação e Informação, Paulo Haddad, 40. Mas ele afirma que esse engajamento não substitui a formação pedagógica: “Sem formação técnica dos monitores, o projeto corre o risco de naufragar”.

Fonte: IBGE, MEC

Classe discute namoros de estudante

Da Reportagem Local

As aulas do Mova duram de duas a 2,5 horas, quatro dias por semana. Pelo contrato estabelecido entre a Prefeitura e a entidade, as classes têm que começar com 20 alunos. O número cai por causa da evasão, que é de cerca de 45%, segundo experiências já feitas pelo coordenador-geral do Mova, Moacir Gadotti.

A reportagem da **Folha** assistiu, no último dia 1º, uma das aulas do programa, no núcleo São Benedito, em São Mateus (periferia leste de São Paulo). A classe tinha 15 alunos, com idades entre 17 e 68 anos. Segundo a monitora Vania Maria Camilo, 30, o número de matriculados era de 41, a maioria moradores de favela, mas cerca de dez nunca aparece-

ram. Dos que vieram, sete desistiram.

Os alunos se sentam em círculos. No começo, a monitora pediu a eles que escolhessem palavras em revistas velhas e as recortassem. Por interferência da coordenadora Maria Alice de Paula Santos, Vania interrompeu os recortes e passou a trabalhar sobre um texto que contava a vida de uma das alunas, Ana. A intervenção, segundo Maria Alice, faz parte do trabalho do supervisor.

A história dizia que Ana tinha dois namorados, um viúvo —que encontrava dentro de uma estação de rádio—, e um desquitado, que a esperava lá fora. A palavra desquitado, escrita pela monitora, estava grafada de forma errada: “disquitado”.

Edmilson, 47, leu o texto em

voz alta e escreveu as frases que tinha achado mais interessantes. Todos os alunos falaram sobre o texto. A palavra que mais sobre saiu da conversa foi “cinema”.

Vania e Maria Alice pediram aos alunos que montassem a palavra com letras recortadas das revistas. A monitora partiu então para a discussão dessa palavra: “Será que todos têm condição de ir ao cinema? Por que a qualidade do cinema caiu?” Para o estudante João, por exemplo, televisão e o teatro tiravam público do cinema. Houve discordâncias. João disse que a qualidade do filme não importava se a companhia fosse boa.

Depois, a palavra cinema seria decomposta em sílabas e usada para gerar outras palavras e textos. (AES)